



formação e consultadoria, lda.

Jornadas Científicas

**INTERVENÇÃO
PSICOSSOCIAL
NA COMUNIDADE**

SAÚDE, EDUCAÇÃO, CIDADANIA E SEGURANÇA

15 DE FEVEREIRO

AUDITÓRIO DA JUNTA DE FREGUESIA DE CAMPANHÃ – PORTO



E-BOOK

Índice

Pág.

INTRODUÇÃO	3
-------------------------	---

CONFERÊNCIAS

COMPLEXIDADES DA SAÚDE NA COMUNIDADE	5
INTERGERACIONALIDADE, CULTURA E MULTICULTURALIDADE: INFLUÊNCIAS NA SAÚDE E NA EDUCAÇÃO	6
CULTURA E ATUAÇÃO COMUNITÁRIA DE EQUIPAS MULTIPROFISSIONAIS	7
A POPULAÇÃO NA GESTÃO DA SAÚDE COLETIVA: CONTRIBUTOS DA E PARA A CIDADANIA	8
SEGURANÇA, UM DOS PILARES FUNDAMENTAIS PARA UM ENVELHECIMENTO ATIVO.....	9
VIOLÊNCIA E SOCIEDADE. A VIOLÊNCIA COMO FATOR DESESTABILIZADOR DE BEM ESTAR.....	10
EDUCAR PARA A CIDADANIA	11
SAÚDE ESCOLAR: PROGRAMAS PRIORITÁRIOS DE INTERVENÇÃO.....	12
EDUCAR, NA ADOLESCÊNCIA, PARA UMA SEXUALIDADE RESPONSÁVEL!	13

RESUMO DE COMUNICAÇÕES LIVRES

A MASSAGEM INFANTIL NA PREVENÇÃO DE BULLYING.....	15
AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE	17
DIAGNÓSTICO DE SITUAÇÃO DA COMUNIDADE DE LOUSADA: A EXPERIÊNCIA DE UMA UCC... ..	20

RESUMOS DE TRABALHOS PARA COMUNICAÇÃO EM FORMA DE POSTER

O MOVIMENTO SENTIDO E OS SENTIDOS DO MOVIMENTO	25
PROJETO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA DE SAÚDE ORAL EM CONTEXTO ESCOLAR: LOU, O SUPER DENTINHO.....	29
MASSAGEM INFANTIL: BENEFÍCIOS NA E PARA A COMUNIDADE.....	32
QUALIDADE NOS CUIDADOS MATERNO-INFANTIS: QUAL A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE SOCIAL NA ANSIEDADE, DEPRESSÃO E STRESS DURANTE A GRAVIDEZ E NA MATERNIDADE?	34

INTRODUÇÃO

Intervenção comunitária é atuar para além do que é individual, é atuar em fatores que interferem com o bem-estar das populações, tais como o ambiente, a estrutura social a distribuição de recursos e o modo como é feita essa distribuição, entre outros tantos fatores.

Intervir na comunidade é intervir de modo multidisciplinar e multiprofissional na população, ajudando os indivíduos a adaptarem-se, a responderem e a controlarem os desafios e as mudanças que ocorrem no seu quotidiano com o objetivo de que consigam respostas adequadas tendo em vista o seu bem-estar e qualidade de vida.

A saúde e a educação são pilares fundamentais que promovem a segurança e a cidadania, por isso favorecem o desenvolvimento individual e consequentemente o desenvolvimento de uma sociedade.

Neste sentido a IXUS Formação e Consultadoria realizou o evento científico “**Intervenção Psicossocial na Comunidade: Saúde, Educação, Cidadania e Segurança**”, que decorreu no dia 15 de Março de 2014, no auditório da Junta de Freguesia de Campanhã. Neste evento congregaram-se vários saberes, de pessoas, das várias áreas do conhecimento, sociologia, psicologia, medicina enfermagem e serviço social, para que se tornasse possível um debate multidisciplinar de modo a elucidar e refletir sobre as práticas atuais, sobre a saúde e educação na, para e com a comunidade, sobre a intervenção integrada na comunidade; sobre a segurança e saúde e sobre a saúde escolar. E, assim aconteceu!...uma discussão muito enriquecedora e esclarecedora de práticas promotoras de qualidade de vida, segurança, e saúde na e para a Comunidade.

A **IXUS Formação e Consultadoria**, entidade promotora e organizadora do evento, pretende com este e-book dar a conhecer todos os trabalhos apresentados no evento desde as Conferências proferidas pelos palestrantes convidados aos resumos das comunicações livres, assim como os resumos dos posters.

Aproveitamos, ainda, este espaço para agradecer a todos os profissionais e investigadores a forma empenhada, expressa na realização da apresentação das suas comunicações livres e posters. Estas refletiram os resultados da pesquisa científica desenvolvida pelos proponentes. Dos trabalhos a concurso, serão apresentados neste e-book os que o júri selecionou pelo seu reconhecido valor e mérito (apresentados durante o evento).

EDUCAR, NA ADOLESCÊNCIA, PARA UMA SEXUALIDADE RESPONSÁVEL!

» MANUELE BRÁS

-Doutorado em Ciências da Enfermagem pela Universidade do Porto, na área da sexualidade do adolescente;

-Professor na Escola Superior de Saúde de Bragança- Instituto Politécnico de Bragança;

-Assumi vários cargos de destaque ao longo da sua carreira, nomeadamente na Ordem dos Enfermeiros;

-É autor de várias obras publicadas nacionais e internacionais. Tem participado, com comunicações/conferências em inúmeros eventos científicos;

-Pertence ao CINTESIS (Centro de Investigação em Tecnologias e Sistemas de Informação em Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto) e ao NIII (Núcleo de Investigação e Intervenção no Idoso) – Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança

Resumo da Conferência:

<http://www.ixus.pt/campanhas/EDUCAR PARA UMA SEXUALIDADE RESPONSÁVEL.pdf>

Resumo da conferência
EDUCAR PARA UMA SEXUALIDADE RESPONSÁVEL
– Prof. Doutor Manuel Brás

Elegemos como tema central da nossa comunicação, **Educar na Adolescência para uma Sexualidade Responsável**, pela importância que a educação e a sexualidade representam no desenvolvimento global dos jovens adolescentes, na exata medida em que são dois dos domínios, que de forma superiormente vincada, se encontram emaranhados aspetos de índole biológica, psicológica e sociocultural, cuja influência pode determinar atitudes e comportamentos. A educação e a sexualidade nesta fase do ciclo de vida, referem-se ao modo como cada um se relaciona consigo próprio e com os outros, na procura de reconhecimento, aceitação, afeto, amor e intimidade.

Palavras-chave: Adolescência, Sexualidade, Educação, Amor, Responsabilidade.

O objetivo: promover e divulgar a informação considerada relevante na esfera da sexualidade do adolescente por forma a que pais, educadores, professores e profissionais de saúde possam eles próprios, serem os grandes obreiros da educação nesta fase da vida tantas vezes amada, quantas vezes odiada.

Introdução: Sabemos hoje que a saúde e o bem-estar dos adolescentes são, entendidos como elemento-preponderante do desenvolvimento humano, assim a afetividade e a formação de personalidades moral e socialmente sólidas passam por atitudes francamente pedagógicas perante as múltiplas e variadíssimas inquietações que natural e frequentemente se levantam nesta fase do ciclo vital e sobre esse grande *tabu*, que teima em ser a sexualidade (Moura, 1992; Prazeres, 1998).

Pelo que compreender e educar para uma sexualidade, responsável, prazerosa e gratificante constitui-se como um dos aspetos da nossa vida de tal forma importante

nesta etapa que consideramos inconcebível que o seu conhecimento e compreensão possam ser deixados ao acaso (Young, 1995).

Na área da saúde têm sido desenvolvidas nos últimos anos, inúmeras iniciativas que almejam promover a saúde e simultaneamente a sexualidade e o bem-estar que conduzam à prestação de cuidados de qualidade aos jovens adolescentes.

Contudo verificamos que as opiniões e atitudes pessoais e profissionais, relativas a aspetos da sexualidade se revestem nesta fase de particular importância, uma vez que são fatores que podem decisivamente influenciar os comportamentos e as atitudes dos adolescentes no tocante à própria sua saúde.

Conscientes da complexidade que o fenómeno assume, porque de processo multifacetado e resultante de variadíssimos fatores, que permanentemente interagem ao longo de todo o ciclo de vida, muito particularmente na adolescência, procuramos contextualizar a educação e a sexualidade numa perspectiva biológica, responsável, afetiva, erótica e sensual, prazerosa e amorosa.

Pois como nos sugere Gomes (2000), uma sexualidade satisfatória e harmoniosa constitui-se hoje como uma valência imprescindível e fundamental no que queremos seja um moderno conceito de saúde, assumindo que não faz sentido conceber-se, um conceito de estado de completo bem-estar físico, psíquico e social onde não haja uma vida sexual total e gratificante. A sexualidade faz parte integrante da vida e da identidade pessoal de cada um, iniciando-se à nascença, mas só intervindo no sentido genital do termo a partir da puberdade, é por volta desta altura que um verdadeiro despertar de hormonas, invade e altera as diferentes partes do corpo. O jovem fica ansioso, inseguro, inquieto, e aflito nas suas relações intra e extra pessoais, a sexualidade surge assim como um facto de cultura e de linguagem, procurando-se a todo o custo o encontro com o outro, *diferente* de si próprio. (Andrade, 1996, Rodrigues, 1999; Sampaio, 2006).

Assume-se ser neste período da vida que se constroem os alicerces que, mais tarde, já na idade adulta irão modelar os conceitos de risco, os laços amorosos e o próprio

sentido de vida, pois a sexualidade continua a ser uma linguagem privilegiada entre indivíduos atraídos uns pelos outros (Andrade, 1996).

As atitudes e os valores relacionados com a sexualidade são regra geral, culturalmente impostos, definidos pela família, pela religião, pelos parceiros sexuais, pelos grupos de pares e pelos adultos que se movimentam em torno dos jovens (pais, educadores, professores e profissionais de saúde) bem como pelos modelos impostos pelos meios de comunicação social (Andrade, 1996; Sampaio, 2006).

No âmbito da sexualidade, o comportamento dos adolescentes é sobretudo influenciado pela maneira como os pais, os professores e educadores profissionais de saúde, concebem, eles próprios, o valor de cada sexo.

Ao longo desta fase, ande passar-se coisas muito díspares; a modificação da relação com os seus pais, com os seus companheiros e também todo o problema da identidade sexual, que escorregando pelo amor, erotismo, sensualidade e sexualidade, se propõe atingir o que consideramos ser no final da adolescência, a autonomia, a identidade pessoal e o seu próprio sistema de valores que lhe vão permitir decidir em liberdade aquilo que quer e aquilo que definitivamente não quer (Andrade, 1996; Marques, 1999; Sampaio, 2004).

Consideramos serem fundamentais, todas as interações que se operaram entre o jovem e os seus pares, podendo afirmar-se que um jovem que passa a sua adolescência isolado, será muito provavelmente um jovem com um potencial acrescido de dificuldades na área da sexualidade, se porventura todo este processo se desenrolar de uma forma saudável, a sexualidade juvenil evoluirá sem grandes reboços (Andrade, 1996; Rodrigues, 1999; Sampaio, 2000).

Embora com alguma tendência para falar de adolescência patológica e problemática, não devemos esquecer que a adolescência é e deverá ser sobretudo festa, fantasia, descoberta, sonho, invenção e interação, sendo extremamente importante não nos desvincularmos da ideia de que na grande maioria das vezes, todo este processo decorre muito bem, havendo contudo adultos que tem grandes *fantasmas*, no campo da (sua) sexualidade e do adolescente (Andrade, 1996; Sampaio, 2000).

Nas palavras de Cruz (1991:2) “a adolescência é sobretudo uma fase da vida de construção das bases da personalidade humana. Construção desse eu único que é cada um de nós. Os problemas que lhe podem estar ligados são próprios das contradições e tatear de caminhos num momento de opções, em que tão intensamente a vida é vivida”.

Abordar questões relacionadas com a sexualidade é quase sempre constrangedor porque a imaginação associa a ela coisas que nos levam a ficar envergonhados. Se calhar por isso, é que todos nós; pais, professores educadores e profissionais de saúde com responsabilidades acrescidas sobre estas matérias, não temos o saber e o à-vontade que se impõe nas conversas com os jovens na esfera da sua sexualidade. Neste sentido e porque nesta faixa etária, educação e sexualidade devem andar de mãos dadas “a educação é o fio-de-prumo de uma vida equilibrada onde a sexualidade tem um lugar essencial. E referimo-nos à sexualidade com a naturalidade de quem fala de afectividade, de quem fala de uma forma inteligente de sentir, de quem fala de partilha, de emoção, de prazer, mas também, e em simultâneo, de responsabilidade e respeito” (Carvalho, 1999:5).

Podemos dizer que o ser humano é o somatório de um conjunto de intenções, emoções e fantasias, desejos e receios, um passado com ambiente cultural, e uma vida interior povoada de pensamentos e sonhos onde o sexo assume papel proeminente na vida de cada um (Moore, 1999).

Todas as questões relacionadas com a educação e sexualidade, sendo importantes em qualquer fase da vida, revestem-se de características específicas e merecem especial atenção e apreço durante a adolescência. Como pais, professores, educadores e profissionais de saúde responsáveis, temos o dever de procurar formas de promover a saúde sexual dos jovens adolescentes, ao contrário de as tentar inadequadamente proibir e moralizar (Macpherson, 2001).

Sendo a família, nomeadamente os pais, o agente de sociabilização mais importante nos papéis sexuais dos jovens adolescentes, é indispensável fomentar e promover esta relação, os pais devem saber e entender que os seus filhos têm o direito de escolher livremente a sua equipa de saúde, é importante reter que a ignorância em qualquer

tema, ofusca o pensamento, no particular da sexualidade pode ser um risco de ISTs e gravidez na adolescência (Macpherson, 2001).

A sexualidade nas crianças e nos jovens é algo que não deve ser reprimido, a sexualidade deve ser privada, dar prazer, muito prazer, pode gerar filhos e transmitir doenças, deve por isso ser “*ensinada*” e “*exercida*” com alguns condimentos; responsabilidade, respeito, afeto, amor e alegria, sem estes ingredientes podemos torná-la num ato grosseiro, frio, cruel, arriscado e até irresponsável (Gouveia, 2000).

Assumindo que a masturbação é uma expressão normal da sexualidade humana, especialmente importante, intensa e prazerosa na adolescência, é uma fase indispensável para o jovem atingir o seu completo e normal desenvolvimento, lentamente, essas práticas masturbatórias serão as estritamente indispensáveis ao seu equilíbrio (Alvim, 1986; Sampaio, 2000).

Se a relação sexual e a masturbação “orgasmo” não proporcionasse tanto prazer, simultaneamente ímpar e multiplicável, não seria certamente alvo de tanta intranquilidade (especialmente por pais, educadores e até profissionais de saúde), não deixa no entanto, de ser curioso que este prazer, raramente apareça na informação sexual que lhes dispensamos (Macpherson, 2001).

Quando uma pessoa tem uma grande atração física por outra. Quando alguém se sente fortemente atraído por outro, pode experimentar numerosos sintomas físicos. Entre eles os mais comuns são a ansiedade, a excitação, a insónia, a boca seca, as mãos frias, sensação de nó no estômago e, palpitações a falta de apetite, a dificuldade de concentração e as inevitáveis variações de humor, tudo isto existe, tudo é típico desta fase muita gira, que é a adolescência.

É imperativo que todos os assuntos sobre a sexualidade possam ser abordados e debatidos com os jovens, para que estes descubram as diferentes etapas que permitem a cada um seguir a sua orientação sexual, atente-se que o adolescente que se revela atraído pelo outro sexo sente-se mais seguro, uma vez que está de acordo com as expectativas e pressões do meio social envolvente, em contraciclo, aquele

jovem que toma consciência da sua atração homossexual, irá ter dúvidas e inquietações causadas pelo seu inconformismo (Andrade, 1996; Sampaio, 2006).

A educação sexual, não é mais do que, na nossa e opinião de múltiplos autores, a forma de ajudar cada um de nós a conhecer as formas corporais, aprendendo a descobrir e a ser descobertos, dando oportunidade a cada um fazer todas as explorações possíveis, aprendendo o conforto e a ternura sobre o outro, observando e admirando todas as silhuetas, desfrutando do contacto e da alegria que é o prazer do outro (López, 1995; Andrade, 1996; Moore, 1999; Lamas et al.; 2000; Rosas, 2001).

É importante saber que o ser humano é um ser desnudado, e que a interação pela pele está muito favorecida, sentindo facilmente o seu calor, odor o seu sabor e textura tocando-a, por isso quando estamos apaixonados gostamos de nos sentir mutuamente, na adolescência com particular realce e enfoque (Andrade, 1996; Moore, 1999; Rosas, 2001).

Muito para além desta biologia genética que nos é intrínseca, somos seres altamente sensuais e eróticos, *todos nós*, o que justifica o nosso imenso prazer no desejo do e pelo outro, e, o que subentende sermos desejados (Rodrigues, 1999, Moore, 1999; Rosas, 2001).

A sensualidade e o erotismo, são pronuncio de anseio, de bem-estar de fascínio e tentação, porque inebriam os órgãos dos sentidos, um olhar que acaricia (excelente imagem), uma mão que subtilmente toca, um cheiro que fugazmente agita (que imagem), o sabor de uma pele maliciosa, uma voz que embala (outra linda imagem), eis aqui os condimentos e pormenores indispensáveis capazes de acariciando todo o corpo, despoletar prazer inimaginável (Andrade, 1996; Rosas, 2001).

Face ao exposto, consideramos que a educação e a sexualidade devem ser encaradas como algo inevitável, natural e essencial na vida de cada um. No particular em relação aos adolescentes, não se pode descurar a necessidade de uma efetiva educação sexual com vista a obter os imprescindíveis ganhos em saúde.

A escola (através da equipa de saúde escolar) constitui-se como um espaço privilegiado para se abordar e desenvolver o tema da educação sexual pois, além de

ser um local onde os jovens passam a maior parte do seu tempo, será certamente o espaço onde surgem os primeiros estímulos nesse âmbito, sendo por isso necessário nesta fase, o desenvolvimento de competências essenciais para a vida. “Educar para uma sexualidade saudável é educar para um comportamento informado, livre e responsável no respeito pelo corpo e pela pessoa do outro; é educar para uma vida afectiva intensa e duradoura, na busca da felicidade. Educar para a sexualidade é educar para a saúde” (Serrão, *in Labirintos da Sexualidade*, Andrade, 1996:1).

Devemos entender a educação sexual como um direito inalienável de todos; crianças, meninas e meninos, jovens e adultos, onde devem colaborar a família, a educação (através da escola) e os profissionais de saúde, bem outros técnicos que, com funções diferentes se devem complementar (Prazeres, 1998).

Pois, tal como nos sugerem Langfert e Porter, os jovens precisam de mais e melhor informação e educação sexual, não para obter um modelo de comportamento sexual definido por sexologistas profissionais, mas para poderem livremente fazer e assumir as suas próprias opções, vivendo a sua própria vida da sua própria maneira.

Referencias Bibliográficas

ANDRADE, M. I. (1996). *Labirintos da Sexualidade*. Porto Editora. Porto.

ALVIM, Francisco (1986) – *Meus Pais Não Ousaram Falar (Educação Sexual)*. Psicologia, 5 (1); 11-17.

CARVALHO, Teresa (1999) – *Alguns Comentários ao Documento: Orientações Técnicas Sobre Educação Sexual em Meio Escolar*. Ferlap, Boletim 78; 5-6.

CRUZ, Gabriela (1991) – *Teatro versus SIDA, Mobiliza Jovens em Évora*. Planeamento Familiar. (50); 3-4.

CRUZ, Gabriela (1991) – *Adolescência Uma Fase Muito Gira*. Planeamento Familiar. (50); 2

FÉLIX, Ivone (1995) – *Evolução da sexualidade ao longo da infância e da adolescência*. Lisboa.

FÉLIX, L.; MARQUES, A. M (1995) – *E nós somos Diferentes?*. Lisboa. Editora A.P.F.

- GOMES, João Pedro (1997) – *Adolescência Revisitada*. Acta Pediátrica Portuguesa. 28(3); 197-198
- GOMES, Francisco, A M.; MIGUEL, N. (2000) – *Educação Sexual só para jovens*. Lisboa. Texto Editora.
- GOUVEIA, Ana Carla (2000) – *Respostas Claras a Perguntas Difíceis: afinal, o que é a Sexualidade Infantil?* Super Bebés. 33; 68-70
- LAMAS, Dulce et al., (2000) – *Raparigas*. Associação Para o Planeamento Familiar. A.P.F
- LÓPEZ SÁNCHEZ, Félix (1995) – *Amor Erotismo, Biologia e Educação Sexual*. Sexualidade e Planeamento Familiar, 2.ª Série; 6; 8-12
- MACPHERSON, Ann (2001) – *Sexualidade e Adolescência*. UPDATE, Planeamento Familiar (Fevereiro), pg: 26-27.
- MARQUES, A. M. (1999) – *Orientações Técnicas Sobre Educação Sexual Em Meio Escolar*- Contributo das Equipas de Projecto. Lisboa: PES, APF, Direcção Geral da Saúde.
- MOORE, Thomas (1999) – *A Alma Do Sexo, Cultivando a Vida Como Um Acto de Amor*. Lisboa. Planeta Editora.
- MOURA, L., Simões (1992) – *A Adolescência e os Seus Problemas*. Revista Nascer e Crescer. 1(3); 151-154.
- PRAZERES, Vasco (1998) – *Saúde dos Adolescentes Princípios Orientadores*. Lisboa. Direcção Geral da Saúde.
- RODRIGUES, Custódio; TEIXEIRA, Marques; GOMES, M. Freitas (1989) – *Afectividade: Elementos Básicos de Psicologia Científica*. Porto. Edições Contraponto.
- ROSA, João (2001) – *Deveraneios*. Revista Saúde e Bem-estar. 88; 6-33. SAMPAIO, Daniel (2000) – *O Direito dos Jovens à Contracepção*. Planeamento familiar. (Setembro / Janeiro). Lisboa.
- SAMPAIO, Daniel (2006) – *Lavrar o Mar*. 1.ª Edição. Lisboa. Editorial Caminho.
- YOUNG Ian et al.; (1995) – *Promover a Saúde da Juventude Europeia*. Rede Europeia de Escolas Promotoras de Saúde.